

LITERARTES, n.3, 2014 – entrevista com Angela Lago – Lourdes Guimarães

ENTRE HISTÓRIAS, TRAÇOS, CORES E FORMAS: A POÉTICA VISUAL DE ANGELA LAGO



Autorretrato, 2014

Angela Lago, mineira, de Belo Horizonte (MG), é autora e ilustradora de dezenas de livros e teve várias de suas obras premiadas mundialmente. *Cena de Rua*, de 1994, foi considerado um dos quinze melhores livros de imagem do mundo. Há mais de três décadas, Angela vem encantando leitores de todas as idades, graças a sua sensível e talentosa capacidade de contar histórias.

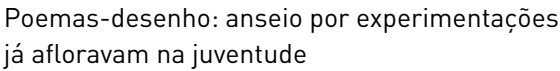
Muitas de suas narrativas têm inspiração na cultura popular brasileira e, de forma lúdica e poética, com suas ilustrações carregadas de significados, a artista instaura um jogo metalinguístico em que subverte tempo e espaço, proporcionando múltiplos diálogos. Nesta entrevista concedida à Literartes, Angela descortina um pouco da sua trajetória, fala sobre as novas mídias e pondera a respeito do papel da tecnologia em seu trabalho.



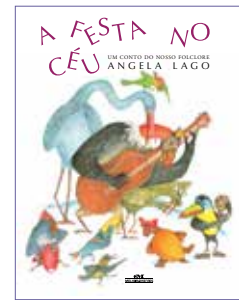
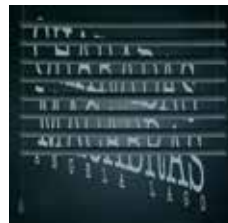
Cena de Rua (Editora RHJ): entre os quinze melhores livros de imagem do mundo

Você pode contar um pouco sobre como iniciou sua incursão pela literatura? E como a ilustração passou a fazer parte da sua vida?

Minha incursão começou antes de aprender a ler, com os contos coletados pelos Grimm, lidos por minha mãe. Quando aprendi a ler, a dificuldade com o som de algumas letras acelerou meu desejo de superação aí mesmo, onde a dificuldade acontecia. Comecei a escrever então já com altos projetos de ser escritora. Adolescente, fui leitora de Drummond, Cecília, Bandeira, Pessoa. Também de Cabral e dos paulistas concretistas. E segui escrevendo poemas durante a juventude. No final dos anos 60 escrevia desenhando. Os poemas tomavam a forma de um cristal, ou de uma colmeia, por exemplo, e você podia seguir seu próprio caminho entre os versos. Os poemas-desenhos foram publicados no *Suplemento Literário* do *Minas Gerais*, então sob a direção de Murilo Rubião. Resolvi me dedicar a desenhar livros para crianças nos anos 70. Estava em Edimburgo, onde fiz o curso *Desenho para impressão* no Napier College. O desejo de incluir o desenho na escritura já estava consolidado, com o aval do célebre poema em forma de rabo de rato de Alice. E a Escócia é um bom lugar para retomar o gosto pelo conto de fada. Além do mais, eu já tinha mais de trinta anos e não tinha filhos. Contar histórias era algo que me falava aí também.



Faz parte do meu mundo caipira: a fazenda do avô. E Belo Horizonte era nova, com alma de cidade interiorana e céu estrelado. Na verdade, os contos tradicionais fizeram parte da minha infância e vida afora. Eles sempre nos ensinam, nos consolam e nos acolhem neste lugar de seres pequeninos que todos somos, sejamos crianças ou adultos perdidos e indefesos no cosmo que nos assombra. Agora, perto dos setenta anos, vim, sertão adentro, morar em um vilarejo no Jequitinhonha. Aqui espero me renovar. Começo a perceber que me falta a matreirice presente nos contos e nos mineiros deste sertão. Vamos ver se dou conta de aprender. Tenho, tanto pela sagacidade do herói do conto popular, quanto pela desconfiada reflexão sertaneja, muita simpatia. A elas se associam outras qualidades, como a curiosidade e o estar presente no presente. Isso sem falar no bendito vento a favor, pelo menos nos contos. Os sertanejos me parecem as sempre-vivas daqui, que recolhem água nas folhas perto das raízes, e crescem e enfrentam o sol, secas, como se estivessem mortas. E sobrevivem.



Hoje a tecnologia nos permite uma série de possibilidades. Como você enxerga o emprego desses recursos na literatura, principalmente a voltada ao público infantil e juvenil?

É bom lembrar que já usávamos as possibilidades que o computador veio facilitar. O livro de imagens ou ilustrado trabalha com pelo menos duas linguagens, se não considerarmos o próprio livro uma terceira, e pode oferecer caminhos de leituras diferentes. Mas sem dúvida a tecnologia favorece essas possibilidades. Será que, com o uso maior da interatividade e da multiplicidade de linguagens, aparecerá um gênero novo na literatura? Será que esse gênero terá o nome de literatura?

O que você acha que muda no contexto de criação e produção de um livro pensado para o formato digital? Você acha que esse benefício de conseguir articular várias linguagens em um livro digital tem sido bem explorado?

Sabemos que e-book é hoje uma espécie de incunábulo. A tipologia para a impressão simulava o texto manuscrito. Atualmente, o som no livro digital imita o barulho da folha de papel quando é virada. Aqui, para mudar, é preciso a aparência de que não houve mudança. Temos que dar ao fruidor o máximo de semelhança para que ele aceite a troca do suporte. Mas ficaram para o público infantil muito enfeite e penduricalho que muitas vezes não fazem nenhum sentido na história. O livro-jogo, ou animações interativas, ou outro nome que venha a ter, ainda está sendo pensado. Vamos imaginar, por exemplo, a questão do tempo, que no livro para crianças pequenas é dado

linearmente e tantas vezes acentuado pela passagem das folhas. Muda a hora ou o acontecimento descrito na imagem, ao virarmos a página. Quando deixarmos de macaquear o livro, teremos camadas de tempos superpostas ou diferentes ações a serem percorridas em ordem ditada pelo fruidor. Isso implica uma mudança bem radical da narrativa, não? Minhas experiências pessoais na utilização das mídias foram até hoje tentativas simples, experimentações. Trabalhei a linearidade de uma lengalenga acumulativa com um final que a quebra. A história que não termina, em *Caperucita*, como nos livros *Outra vez* e *Cena de rua*, usando dessa vez as características da mídia. A narrativa-jogo explorei em *Oh!* Nela é preciso matar os mortos para descobrir o assassino. Por enquanto estamos simulando o livro de papel.

Você tem site, blog, twitter, facebook? Como o acesso a essas plataformas digitais interfere na sua forma de trabalhar?

O gesto e a emoção proporcionados por um mesmo pincel é diferente se nos colocamos de pé, em vez de nos mantermos assentados. Saberíamos talvez falar sobre isso. E, no entanto, não sei avaliar as interferências no meu trabalho por mudanças tão mais radicais. Talvez esteja muito imersa. Sei que, ao contrário do que algumas pessoas pensam, o trabalho no computador, pelo menos para mim, tende a ser mais lento. No princípio pela possibilidade de experimentações que ele me permitia e hoje talvez por ter escolhido uma forma de desenhar fotograficamente. Muitas pessoas me pedem que volte aos pincéis, por considerarem melhor meu desenho feito na prancheta. Mas o computador virou uma adição. Tenho um enorme prazer em entrar em um estado de desligamento do mundo exterior, quando diante de uma tela. Além disso, gosto de desenhar e paginar ao mesmo tempo. Acredito que tenho mais recursos para prever o objeto múltiplo que será o livro. Até a alegria de contrariar essa demanda pelo objeto único, pelo original, vale. Gosto de desenhar o livro, primeiro objeto de massa, praticamente já dentro da sua produção. E ainda como fruidora o prazer de navegar por informações e fazer minhas anotações na própria internet, livro e caderno ao mesmo tempo, com margens para anotações bem mais generosas que as do livro.

E ler com acesso a dicionário a um clique da mão, o que expande o número de idiomas em que posso ler.

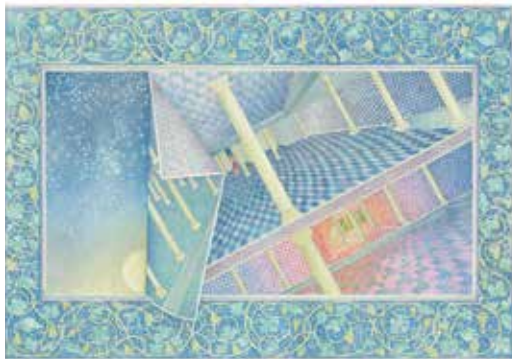
Ao se deparar com o livro-imagem, muitas vezes, o adulto não enxerga a complexidade narrativa que o texto visual pode oferecer, limitando-se a julgá-lo somente como uma obra voltada à criança. Você gostaria de comentar a respeito?

Gostaria de frisar que o livro-imagem não é o que não contém texto, confusão que acontece apenas no Brasil. É o livro que permite uma leitura pelas suas imagens. Mas o que é exatamente isso? Eu cada vez sei menos. Podemos chamar a *Divina Comédia* ilustrada por Botticelli e a *Bíblia* ilustrada por Doré como livros-imagens? Afinal neles os desenhos são, cada um, e por si mesmos, uma narrativa. Se escolhermos dentro da literatura para crianças o exemplar livro *The Tale of Peter Rabbit*, de Beatrix Potter, o desenho cobre, do princípio ao fim, cada trecho da narrativa. A criança que não sabe ler seguirá pelas imagens a mesma história que a que ler o texto destituído dos desenhos. Há uma linda não complexidade em B. Potter, que gostaria de elogiar. Devo ter gosto em ser advogado do diabo. Mas percebam que, afinal, é essa não complexidade que permite ao leitor iniciante ter um mapa da leitura à sua frente, o que pode ser providencial nesse momento. Essa criança que ainda lê soletrando, tem dificuldade de memorizar o conteúdo. A imagem, ao espelhar o texto, lhe devolve o sentido do que foi lido. O livro de imagem seria uma *Bíblia Pauperum*, que, todos sabem, apesar do nome e de cumprir a mesma função para os iletrados medievais, sabia ser linda. Mas será que essa aparente e tão difícil simplicidade, essa proposta pedagógica, com todos os arrepios que a palavra provoca nos literatos, é destituída de complexidade? Os ilustradores vêm lutando por uma independência que permita um diálogo com o texto, um contraponto, onde a criatividade articule a conjunção. Mas será que diálogo e contraponto não existiriam de qualquer forma, até mesmo em um livro em que tentem se espelhar, na medida em que são duas vozes de dois substratos tão diferentes? Seria preciso falar as duas linguagens em absoluto chavão para que elas

soassem verdadeiramente em uníssono. Não há dúvida de que a complexidade acontece tanto no texto, quanto na ilustração, e que multiplicidade de leituras não depende da linguagem.

No livro *O Cântico dos Cânticos*, você lida com um poema visual em que há múltiplas leituras. Como foi o processo de criação desse trabalho?

Meus livros sem textos são, de alguma forma, fracassos. Aconteceram porque não consegui escrevê-los. No caso dos *Cânticos*, não consegui fazer os recortes que pretendia no texto bíblico. Perdiam a beleza e a leitura de “eterno retorno” a que o texto me remetia. A opção é só por desenhos, porque a letra me faltou. E foram muitas tentativas.



Páginas internas da obra *O Cântico dos Cânticos*, um mergulho fantástico em uma narrativa visual primorosa (Editora Cosac Naify)

Falando em poesia, como foi a experiência de ilustrar a obra *Menino Drummond*?

Era tudo o que queria, e no entanto, para ser sincera, foi uma experiência sofrida. Tive muita vontade de desistir. A minha saída foi tentar ser o mais simples possível. Ser o menos possível. Ter o mínimo de presença. Mesmo assim entreguei o trabalho com muita angústia.

Você tem muitas publicações fora do país. Como é a sua interação com as editoras estrangeiras? Você tem algum retorno sobre a repercussão do seu trabalho junto aos leitores estrangeiros?

Gosto de estar com os editores, quando isso acontece, sejam eles brasileiros ou não. Eles são as pessoas adequadas para discutirmos algumas das nossas dúvidas. Temos um interesse em comum: o leitor. Isso pode ser um começo para conversas francas e necessárias, embora as conversas tendam a ir além dos leitores, em direção às nossas crenças e desejos pessoais. Tenho ocasionalmente alguma notícia de leitores ou críticos estrangeiros, mas só nos chegam notícias boas. Temos pouca oportunidade de escutar críticas hoje em dia. Não só aqui. Meu primeiro livro no Japão, *A festa no céu*, feito para a Gakken, no Japão vendeu também para a Coreia e para a China, e me alegrou muito imaginar esse conto tão nosso na mão de crianças asiáticas. Tanto o *Cena de rua* quanto o *João Felizardo, o rei dos negócios* tiveram vendas para o governo no México, essas vendas colossais. Mas com exemplares feitos em papel de pior qualidade e pior produção. Tomara que mesmo assim tenham emocionado as crianças.



A festa no céu (Editora Melhoramentos) e *João Felizardo* (Cosac Naify) levam as histórias de Angela a outros continentes

O seu trabalho no site com o projeto ABCD demonstra uma preocupação com a aprendizagem. Fale um pouco sobre esse projeto e sobre quais são as expectativas em torno desse trabalho junto às crianças?

Todas as expectativas possíveis... Um trabalho da criança que trocava letras, impulsionada pela simpatia com os colegas que enfrentam o ritual de passagem que é a aprendizagem da leitura. Pena que a complexidade dos novos *softwares* e minha dificuldade de trabalhar em equipe estejam impedindo a continuidade do projeto. A expectativa é de que a criança possa aprender a ler brincando sozinha. E mais recentemente, com minha última experimentação, que leia antes de saber ler, ao acompanhar com o dedo as letras.

Você é uma artista premiada mundialmente, há algum prêmio em especial que tenha marcado a sua carreira?

Talvez o fato de o livro *Sangue de barata*, uma das minhas duas primeiras publicações, em 1980, ter recebido o selo “Altamente recomendável”. Ou o prêmio João de Barro, no ano seguinte, para o livro *Uni Duni e Tê*. Sem dúvida os primeiros prêmios foram os mais importantes, pois me ajudaram a ser tenaz.



Sangue de barata (Editora RHJ), uma das obras que impulsionaram a carreira de Angela

No momento, você está trabalhando em algum projeto? Pode adiantar alguma informação à Literartes?

Faz alguns anos desenho as flores do meu jardim e agora as do cerrado e escrevo poemas curtos sobre elas. Uma meditação sobre a beleza do mundo. Aí vão uma ilustração e um poema.

Lantana camara, cambará

Abri a janela e o tempo foi embora.

Não há mais pressa. Nada
tem importância nenhuma.

Copio,
cópia de cópia,
a fotografia.

E na tarde, a mais serena,
sumi.
Até a caneta desapareceu.
Eis que de repente eu sou o traço.
Eu sou a cor.

A sombra na caverna
virou flor.

